



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO

(de Trabalho de Conclusão de Curso)

AS COISAS DA TERRA:

**documentário audiovisual sobre a comunidade quilombola
Tabacaria, em Palmeira dos Índios-AL**

ORIENTADOR (A): Prof.^a Dr.^a Janayna Ávila

ALUNA (O): Vanessa Mota Barros

Maceió, janeiro de 2024

AS COISAS DA TERRA: documentário audiovisual sobre a comunidade quilombola Tabacaria, em Palmeira dos Índios-AL

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Janayna Ávila.

Maceió, janeiro de 2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

B277c Barros, Vanessa Mota.

As coisas da terra : documentário audiovisual sobre a comunidade quilombola Tabacaria, em Palmeira dos índios-AL / Vanessa Mota Barros. – 2024.

33 f. : il. color.

Orientadora: Janayna Ávila.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 26.

Apêndices: f. 27-33.

1. As coisas da terra (Documentário). 2. Comunidade quilombola – Palmeira dos Índios (AL). 3. Mulheres – Memórias. I. Título.

CDU: 070 (813.5)

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho de conclusão de curso, e finalmente concluir minha graduação, após tantos anos, gostaria de agradecer aos que me apoiaram em toda esta jornada.

Agradeço à meus pais, pelo esforço em me proporcionar uma educação de qualidade que permitiu que ingressasse numa universidade federal, espaço tão plural que me fez ter contato com pessoas tão distintas que contribuíram na construção da maneira que hoje enxergo o mundo. Agradeço também pelo apoio incondicional às escolhas que fiz em minha trajetória profissional, e pelo orgulho que sinto daqui a cada conquista que alcanço.

Agradeço também a meu companheiro Daniel, pela paciência e afeto nos meus momentos de cansaço após as exaustivas jornadas de trabalho quando estou realizando meus produtos audiovisuais.

Aos meus amigos da Popfuzz, serei eternamente grata por me fazerem entender que sim, é possível trabalhar com e fomentar a cultura do nosso Estado, e viver disso, construindo juntos um lugar mais democrático e acessível para todos.

Aos amigos e colegas do audiovisual, nas pessoas de Rafael Barbosa, Amanda Moa, Renata Czarny, Mayra Costa e Leo Bulhões, agradeço pelo companheirismo, respeito e trocas que temos em nossos trabalhos, eles são essenciais para que possamos construir um cinema alagoano em que acreditamos.

Agradeço especialmente aos que contribuíram diretamente com este trabalho: Jasmelino de Paiva, Joaddan Campos e Raphael Pires, que fizeram parte da equipe de filmagem deste documentário, e também a Nina Magalhães e Marcos André, que participaram dos processos de concepção, pré e pós produção do filme.

À Janayna Ávila, minha orientadora, agradeço por ter contribuído, nesta situação especial, com o fechamento deste ciclo tão importante e significativo para mim. Agradeço também à coordenação do curso de Jornalismo pelos esforços empreendidos para que nós, que havíamos sido jubilados, pudéssemos concluir a graduação.

Por fim, não poderia também deixar de agradecer à dona Alaide e dona Dominícia, que emprestaram suas vozes e histórias para que eu pudesse criar um pequeno recorte da imensa história da Comunidade Quilombola Tabacaria.

*“Só se pode subverter o real, no cinema
ou alhures, se se aceita, antes,
todo o existente, pelo simples fato de existir.”*

Eduardo Coutinho

RESUMO

O documentário *As Coisas da Terra*, aqui apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), trata da realidade da comunidade quilombola Tabacaria, localizada na Zona Rural do município de Palmeira dos Índios, segunda maior cidade do agreste de Alagoas. O trabalho tem como objetivo apresentar a história, a cultura e o modo como vivem os habitantes daquele território, o primeiro a ser reconhecido como área quilombola em Alagoas. Através de relatos de duas matriarcas de Tabacaria, Alaíde Bezerra dos Santos e Dominícia Maria dos Santos (*in memoriam*), entendemos o processo de luta dos moradores pelo reconhecimento da área como sendo de interesse cultural, suas conquistas que, através de políticas públicas, melhoraram o modo de vida na comunidade, além de entender o trabalho destas mulheres para a preservação e transmissão de alguns de seus costumes, que passam de geração em geração no quilombo.

PALAVRAS-CHAVES: Documentário; Quilombo Tabacaria; Memória; Mulheres

ABSTRACT

The documentary “The Things of the Earth” presented here as the final paper for the Journalism course at the Federal University of Alagoas (UFAL), deals with the reality of the quilombola community called Tabacaria, located in the Rural Zone of the municipality of Palmeira dos Índios, second largest city in the countryside of Alagoas. The paper aims to present the history, culture, and way in which the inhabitants of that territory live, the first to be recognized as a quilombola area in Alagoas. Through reports from two matriarchs from Tabacaria, Alaíde Bezerra dos Santos and Dominícia Maria dos Santos (*in memoriam*), we understand the process of resident’s struggle for recognition of the area as being of cultural interest, their achievements which, through public policies, improved the quality of life in the community, in addition to understanding the work of these women to preserve and transmit some of their customs, which are passed down from generation to generation in the quilombo.

KEY WORDS: Documentary; Quilombo Tabacaria; Memory; Women

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBJETIVOS.....	11
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
4	PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO.....	16
4.1	Personagens.....	23
4.2	Ficha técnica.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	27
	APÊNDICE A.....	27
	APÊNDICE B.....	33

1 INTRODUÇÃO

Este vídeo-documentário, aqui apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dirige seu olhar para a comunidade quilombola Tabacaria, situada na zona rural do município de Palmeira dos Índios, a segunda maior cidade do agreste alagoano. Este não é apenas um registro audiovisual, mas uma tentativa de mergulhar nas raízes, narrativas e vivências dos habitantes desse território, marcado como o pioneiro a receber o reconhecimento oficial como área quilombola em Alagoas.

Apesar de reconhecida desde 2005 como território quilombola pela Fundação Palmares, após um longo processo de luta, que inclui até mesmo a expulsão dos que ali viviam na década de 1970, Tabacaria permanece à margem. São poucos os investimentos do poder público que valorizem a rica história do local, ou que sequer propiciem um modo de vida digno dos remanescentes quilombolas naquele espaço.

O propósito fundamental deste trabalho é apresentar ao público a riqueza da história, cultura e cotidiano peculiar dos moradores de Tabacaria. Ao concentrar-se no testemunho de duas matriarcas da comunidade, Alaide Bezerra dos Santos e Dominícia Maria dos Santos (in memoriam), busca-se não apenas compreender a trajetória de luta pela legitimação da área como um patrimônio cultural, mas também evidenciar as conquistas alcançadas através das políticas públicas, as quais contribuíram para uma melhoria substancial na qualidade de vida da comunidade, apesar de ainda ser bastante carente em alguns aspectos.

Neste contexto, delinea-se, ainda, a relevância do papel desempenhado por essas mulheres na preservação e transmissão de tradições que atravessam gerações no quilombo. Seus esforços não apenas resistem ao tempo, mas também moldam a identidade cultural de Tabacaria, constituindo-se como elementos fundamentais na construção da história viva desse território quilombola.

Dessa forma, "As Coisas da Terra" não se resume a uma mera documentação visual; é, acima de tudo, um convite à reflexão sobre a

importância da preservação cultural e do reconhecimento das comunidades quilombolas. Proporciona uma imersão na autenticidade e complexidade da experiência singular de Tabacaria, destacando a luta pela visibilidade e a preservação das tradições que moldam a identidade dessa comunidade.

2 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Produzir um documentário que trata da realidade da comunidade quilombola Tabacaria, localizada no interior de Alagoas, através dos pontos de vista de mulheres que ali habitam.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Dar visibilidade à Comunidade Tabacaria, que, apesar de reconhecida como área quilombola pela Fundação Palmares, em 2005, segue esquecida e à margem de condições dignas para que vivam em seu território;
2. Possibilitar que a voz das mulheres da comunidade, que tiveram papel muito importante no reconhecimento do território como quilombola, bem como em sua preservação e manutenção, possa ser ampliada através do documentário.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um documentário, como é o caso deste trabalho, tem como prerrogativa retratar um recorte da realidade de um determinado espaço, em um determinado período de tempo, a partir da perspectiva de uma ou diversas pessoas, estejam estas pessoas na frente ou atrás das câmeras durante a produção desta obra audiovisual, com o objetivo de trazer à tona debates, fazeres ou perspectivas que, por vezes, estão esquecidos dentro de um contexto mais amplo.

Segundo Nichols

Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e partilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. [...] Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (Nichols, 2009, p. 26-27).

Para entender a importância de uma obra audiovisual enquanto registro histórico de um momento, convém entender como deu-se sua construção. Quando surgiu, o cinema era considerado uma forma de documentação, como dito por André Feitosa:

No século em que as ciências humanas estavam intimamente ligadas à noção de ciência das ciências naturais, a noção de documento, tão cara à História, foi também utilizada para validar o conhecimento oriundo da máquina cinematográfica. Esse status de objetividade estava presente no surgimento da fotografia e foi herdado pelo cinema. Acreditava-se que, sendo suas imagens em movimento registradas por uma máquina, e, por isso, sem intervenção da subjetividade humana, deteriam um caráter neutro (Feitosa, 2013, p. 05).

Porém, num intento de consolidar-se enquanto linguagem artística, foram adicionadas ao cinema algumas características que levaram a questionar seu papel como documento. As opções de enquadramento, emprego de determinadas cores, utilização de sons, dentre tantas outras escolhas feitas pelo diretor servem à construção da ideologia de sua obra.

É inegável que toda e qualquer obra cinematográfica, mesmo a ficcional, traz consigo elementos que possibilitam o entendimento do contexto histórico em que foi produzida. Para entender o que é um documentário, e como diferenciá-lo, apesar de tornarem-se cada vez mais estreitas essas semelhanças entre estes dois tipos de obra, é necessário ter cautela na análise dos elementos empregados na construção deste tipo de narrativa, tais como personagens, cenários, etc, como no exemplo citado abaixo:

[...] parece claro que se alguns enquadramentos teóricos funcionam muito bem em casos gerais, a análise de cada caso parece necessária em casos específicos ou para o aprofundamento de certos cinemas. Assim, outros critérios parecem diferenciar *Roma Cidade Aberta* (1945) de Rossellini de um documentário: havia um roteiro prévio que só foi alterado por conta de necessidades técnicas e falta de recursos, não por uma pesquisa/investigação característica da prática documentária; os atores, embora muitos tenham participado de situações semelhantes àquelas do filme (incluindo nazistas que encenam soldados nazistas), não estão representando a si mesmos como ocorre em um documentário, mas representam personagens (simulacro) (Feitosa, 2013, p. 13).

De acordo com Trombine et al., “[...] a respeito das diferentes formas de representar o mundo histórico, que a narrativa ficcional também o faz, mas ela o faz metaforicamente, uma vez que o documentário nos dá acesso ao mundo e não à um mundo à parte” (2019, p 03).

Em “As coisas da Terra” busca-se retratar a visão de suas protagonistas sobre o passado e presente no território em que vivem. Estes relatos são embebidos do entendimento da realidade de cada uma delas e não representam a realidade da comunidade como um todo, mas sim o que Tabacaria significa para dona Alaíde e dona Dominícia. Segundo Trombine et al., “[...] É exatamente isso que desperta o interesse social em assistir documentário: a representação do mundo histórico” (2019, p. 08).

Encontrei, numa mistura entre os modos observativo e participativo de fazer documentário, conceitos definidos em 2005 por Bill Nichols no livro “Introdução ao Documentário”, uma maneira de retratar o que vi na comunidade, quando de minhas visitas. Respeitando os conhecimentos e afazeres das personagens em seu dia a dia, ao mesmo tempo que as conduzia, fosse através de perguntas em entrevistas, ou indicando uma

maneira, ao meu ver, mais cinematográfica de executar suas tarefas, chegamos ao resultado final deste trabalho.

Uma produção cinematográfica, seja ela qual for, depende do fechamento de um ciclo. No cinema documental, por exemplo, existe o interesse e engajamento do documentarista em representar o real a partir do seu olhar - primeira fase. Há, então, a realização, o fazer documentário, na qual se dá, basicamente, com o encontro de realidades entre quem filma e quem é filmado - segunda fase. E, por fim, o fechamento desse ciclo, que só é possível com o visionamento do espectador - terceira fase. Logo, o documentário representa um encontro de realidades entre quem dirige, quem conta e quem assiste. (Trombine et al., 2019, p. 08-09)

Alagoas é referência no tocante a resistência de negros no período colonial, pela presença do maior quilombo da América Latina em seu território. Tabacaria situa-se na mesma região que o Quilombo dos Palmares e guarda em sua extensão diversos pontos que são marcos da vivência de ancestrais naquela região, tais como uma fonte de água conhecida como Cacimba da Velha, o Açude do Farnandes e a Furna dos Negros:

A “Furna dos Negros” é uma caverna, atualmente tratada como outro ponto de memória e “concentração da energia” de antigas vivências e histórias que ligam os quilombolas de Tabacaria aos seus ancestrais sobreviventes do “massacre de Palmares”. Conforme contam, foi para ali que esses ancestrais se refugiaram (Costa, 2015, p. 10).

Além destes pontos históricos, também existem na comunidade tradições culturais. Sobrevivem ali uma banda de pífano e um grupo de reisado, que possuem pouco ou nenhum aporte financeiro, mas que lutam porque sabem da importância de manterem vivos os saberes ancestrais ligados a sua matriz afro-brasileira, que quase foram apagados diante da negação e dos preconceitos com relação a sua existência. A manutenção destes locais e hábitos reforçam o elo de Tabacaria com seus antepassados.

É no intuito da preservação e propagação desses espaços e fazeres culturais que aparece a importância do registro destas atividades em Tabacaria. A transmissão destes conhecimentos acontece essencialmente através da tradição oral. Com o envelhecimento da comunidade e um interesse cada vez menor dos mais jovens na manutenção destes aspectos - falta de interesse esta que pode ser justificada pela falta de fomento ou até mesmo de atividades

de conscientização sobre a importância da subsistência destas práticas -, a documentação, seja através de escritos, fotografias, ou até mesmo de vídeo-documentários, como neste caso, faz-se essencial.

Ao comunicar, o documentário cumpre seu papel social informando acontecimentos, ao mesmo tempo em que conta histórias subjetivas que revelam vozes e singularidades presentes em diferentes indivíduos em seus respectivos contextos e representações (Trombine et al., 2019, p. 05-06).

A presença das mulheres na luta dentro dos territórios quilombolas sempre foi de suma importância. Elas participam ativamente dos processos de construção e manutenção das atividades culturais das comunidades, como exemplificado abaixo num discurso de Edvina Maria Tie Braz, conhecida como dona Diva, remanescente na Comunidade Quilombola Pedro Cubas de Cima, localizado no município de Eldorado, interior do estado de São Paulo:

As mulheres sempre participaram de tudo desde época remota. As mulheres quilombolas têm realmente uma história de participação. Resumindo: as mulheres, antigamente, trabalhavam como sempre na roça. Era atividade, não existia outra. Era roça, era cuidar de filho, era cuidar de marido, cuidar de animais e tudo que existia para a subsistência dos antepassados. Então, a mulher sempre foi ativa em tudo. Essa atividade delas, chamada “tradicional”, foi passando para nós, uma passando o que sabe para outra. Nossas avós e bisavós tinham essa responsabilidade de passar: “olha, tal coisa é assim, assim, assim”. Enfim, tudo era passado dos mais velhos para os mais novos, não se estudava na escola, e assim foi indo até a minha geração, nos meus 76 anos (Barizão et al., 2020, p. 11-12).

É necessário possibilitar que a luta dessas pessoas possa ser vista já que, por tanto tempo, foram silenciadas; permitir que elas contem suas histórias para tantas outras, para que a comunidade seja reconhecida a partir de suas próprias perspectivas.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

Minha trajetória como fotógrafa teve início em 2012, com incursões na área da gastronomia, um campo que sempre me cativou devido à sua capacidade única de contar a história de um povo por meio da culinária. Nesse mesmo ano, integrei equipes de obras audiovisuais, desempenhando funções diversas, como fotógrafa still e operadora de câmera, ampliando assim minha experiência profissional.

Em 2018, a convite do Instituto Habitar, uma organização não governamental responsável pela implementação de um restaurante comunitário na Comunidade Quilombola Tabacaria, fui incumbida de produzir um vídeo para divulgar o empreendimento, além de destacar ações voltadas ao fortalecimento do turismo étnico-cultural na região.

Na época, o restaurante era liderado pelas mulheres da comunidade, sob a direção de Alaide Bezerra dos Santos. Utilizando matéria-prima proveniente da horta comunitária do quilombo, mantida pelas próprias integrantes da equipe do restaurante, a iniciativa visava proporcionar autonomia econômica às mulheres, fomentando suas próprias atividades. Na cozinha, eram produzidas diversas receitas típicas, com ingredientes locais, mas o destaque culinário era o peixe com molho de amendoim, uma criação de dona Alaíde, apreciada por todos os visitantes.

O vídeo produzido em 2018 buscava não apenas promover o restaurante, mas também inserir a comunidade no roteiro cultural de Alagoas. Registramos também uma trilha que passava pelos pontos históricos de Tabacaria, locais estes que simbolizavam a resistência dos antepassados. Também aparece no material a apresentação de um grupo de reisado com mais de 50 anos de tradição, liderado por Sr. Gerson que, ao lado de sua esposa, Dominícia Maria dos Santos, e de suas filhas e netos, com figurinos simples, apresentava-se com bastante orgulho.

No entanto, mesmo com o restaurante e a horta sob liderança feminina, e com um grupo de folguedos majoritariamente feminino, as narrativas culturais

daquela localidade ainda eram predominantemente contadas por homens. As mulheres apareciam neste primeiro material que tive a oportunidade de produzir no local desempenhando suas atividades, cozinhando ou cuidando da horta. Surgiu então a indagação: por que mesmo com papéis de extrema relevância dentro da Tabacaria, estas mulheres não poderiam contar suas próprias histórias?

Posteriormente, inspirada pela minha experiência na gastronomia, surgiu a ideia de uma web série focada em difundir pratos de cozinheiras fora do circuito gastronômico estadual. A vontade de abordar o restaurante comunitário de Tabacaria, explorando ingredientes e o processo de produção do peixe ao molho de amendoim, levou-me a planejar o que seria um episódio desta série.

Nesse contexto, a obra audiovisual tinha como intuito dar protagonismo a dona Alaíde como cozinheira, relacionar o feitiço do prato com as práticas culturais ainda mantidas na comunidade. A vontade era de entrevistá-la não apenas como criadora do prato, mas como testemunha do processo de reconhecimento da área, enriquecendo a narrativa com aspectos históricos e políticos locais.

Dois anos após minha primeira visita à comunidade, teve início a pandemia de Covid-19. Eu, que tenho o audiovisual como principal atividade econômica, me vi impedida de atuar profissionalmente, visto que a atividade audiovisual tem como uma de suas características o processo de produção coletivo. Vieram então os editais emergenciais para atender a classe artística e, diante disso, eu pude desenvolver a ideia de produzir um filme que tratasse da culinária de Tabacaria.

Retornando à comunidade em março de 2023, constatei as mudanças provocadas pela pandemia: o restaurante fechado, as hortas inexistentes e a trilha histórica inacessível. Diante desse cenário, optei por redirecionar o documentário.

Ali mesmo, decidi que o filme não trataria somente sobre o restaurante, e sim sobre a comunidade de maneira geral, através da perspectiva de duas matriarcas, uma nascida e criada em Tabacaria, rezadeira, brincante de reisado, que seria dona Dominícia, e outra que acompanhou de perto todo o

processo de luta da comunidade por seu reconhecimento enquanto território quilombolas, além de ser responsável pela gestão do restaurante comunitário, que seria dona Alaíde. A ideia aqui era dar protagonismo a estas duas mulheres, que tiveram, e ainda têm, papel decisivo dentro do processo de construção da comunidade, mas que costumeiramente, apareciam somente ao lado de seus companheiros, tinham suas histórias contadas por eles.

Na oportunidade da visita, eu e os demais membros da equipe presentes conversamos com as duas, que prontamente aceitaram o convite para participar do documentário. Além disso, percorremos também o território da comunidade, buscando por paisagens que também pudessem compor a obra. Como o acesso à telefonia na Tabacaria é precário, ali mesmo já combinamos a data de retorno para a gravação.

Tive então alguns dias para planejar as gravações. Com os dados que coletei, decidi dividir os eixos temáticos de cada personagem. Com dona Alaíde, trataríamos da questão política do reconhecimento da comunidade - ela é viúva do antigo presidente da Associação de Moradores da Tabacaria e acompanhou de perto todo o processo -, bem como a importância da manutenção das raízes gastronômicas quilombolas. Já com dona Dominícia, seria abordada a questão da manutenção dos fazeres culturais do local, através das atividades que ela desempenhava, sendo brincante de reisado e rezadeira. Com a ajuda do meu colega de equipe, Jasmelino de Paiva, construí o roteiro, e, com base neste documento, e desempenhando sua função de assistente de direção, ele construiu o plano de filmagem.

Retornamos então no fim do mesmo mês em que realizamos a visita técnica. A equipe de produção, composta por mim como diretora, Jasmelino de Paiva como assistente de direção, Joaddan Campos como diretor de fotografia e Raphael Pires como técnico de som direto, utilizou, para captar as imagens, uma câmera Blackmagic 6K e kit de lentes fixas. Dispunhamos também de tripé e um kit de iluminação, composto por um refletor Amaran 120d, com um octabox como modificador. A captação de som foi feita com microfones direcionais e de lapela, e com um gravador Zoom F4. Abaixo, nas imagens 01 e 02, é possível ver imagens de registro de Making Of do filme.

Imagens 01 e 02 - Registros de Making Of do filme

Fonte: elaboradas pela autora (2023)

As gravações ocorreram quase que de acordo com o que havia sido planejado. Após o abandono da trilha que havia na comunidade durante o período pandêmico, não conseguimos acessar alguns dos pontos em que pretendíamos, de acordo com o roteiro, filmar as personagens. No primeiro dia

de gravação, registramos imagens do dia a dia da comunidade. Na segunda diária, registramos dona Alaíde nos seus afazeres. Além disso, ela preparou o peixe ao molho de amendoim para que filmássemos. Após o almoço, entrevistei a personagem e fizemos um *portrait* dela com o prato preparado, como podemos conferir nas imagens 03 e 04, apresentadas abaixo:

Imagens 03 e 04 - Registros da gravação com dona Alaíde



Fonte: elaboradas pela autora (2023)

Na terceira diária, a dinâmica com dona Dominícia foi semelhante à realizada com dona Alaíde. Iniciamos o dia com um *portrait*, seguido por entrevista. No segundo turno, registramos a personagem fazendo uma reza em uma de suas netas e finalizamos com uma apresentação de reisado dela com seu marido, como é possível ver nas imagens 05 e 06, que seguem abaixo.

Imagens 05 e 06 - Fotografias still da filmagem com dona Dominícia



Fonte: elaboradas pela autora (2023)

Imagem 07 - Equipe do filme ao lado de dona Dominícia e seu esposo



Fonte: elaborada pela autora (2023)

Passada a fase de produção, com o material na ilha de edição, o primeiro passo foi decupar as entrevistas. Selecionei os trechos que deveriam entrar do documentário e montei elas na linha do tempo numa sequência que obedecia ao que havia sido estabelecido no roteiro.

Foi então o momento de decupar as imagens de cobertura. Selecionei os trechos de imagens da comunidade e também do que havia sido registrado do dia a dia das personagens.

Com os trechos selecionados e, mais uma vez seguindo o roteiro, fiz a montagem do documentário. Submeti o corte à aprovação de minha orientadora, Janayna Ávila, que fez suas considerações. Feitas as modificações sugeridas, cheguei a um segundo corte do documentário, aqui apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. Após o processo de montagem, passei para a etapa de finalização. Foram feitos alguns ajustes de áudio e colorização no intuito de valorizar ainda mais as imagens e sons captados.

4.1 Personagens

Alaíde Bezerra dos Santos: nascida no interior de Pernambuco, neta de indígenas, dona Alaíde mora em Alagoas desde os 15 anos. Aqui, conheceu o sr. Gerson, à época, morador do Quilombo Tabacaria. Casaram-se e então dona Alaíde foi morar na comunidade. Ao lado do esposo, que era presidente da Associação de Moradores do local, acompanhou todo o processo de reconhecimento da área como de interesse cultural. Ela herdou da avó o gosto pela cozinha e pela costura, ofícios que contribuem com seus sustento, juntamente a suas atividades como agricultora.

Dominícia Maria dos Santos: nascida e criada no Quilombo Tabacaria, dona Dominícia dançava reisado desde os três anos de idade, quando seu tio pediu que a mãe deixasse que ela acompanhasse as apresentações de seu grupo. Aprendeu o ofício de rezadeira sozinha, o que ela considera como um dom. Ao lado de seu marido, sr. Gerson, lutou pelo reconhecimento do território como área quilombola. Até seus últimos dias, pouco tempo após a gravação deste documentário, ela era ativista da manutenção da cultura de seu povo, sempre muito orgulhosa do grupo folclórico que mantinha com a família.

4.2 Ficha técnica

Gênero: Vídeo-documentário

Duração: 19'58"

Idioma: Português

Ano de lançamento: 2024

Direção: Vanessa Mota

Roteiro: Jasmelino de Paiva e Vanessa Mota

Assistência de direção: Jasmelino de Paiva

Produção executiva: Nina Magalhães

Direção de fotografia: Joaddan Campos

Som direto: Raphael Pires

Montagem e finalização: Vanessa Mota

Elenco: Alaíde Bezerra dos Santos e Dominícia Maria dos Santos

Orientação: Janayna Ávila

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vídeo-documentário "As Coisas da Terra" faz uma imersão na riqueza cultural e histórica da Comunidade Quilombola Tabacaria, localizada em Palmeira dos Índios, agreste de Alagoas, proporcionando um olhar atento sobre as vidas de duas matriarcas, dona Alaíde Bezerra dos Santos e dona Dominícia Maria dos Santos (*in memoriam*).

Através deste registro, é possível conhecer o processo de reconhecimento da comunidade enquanto território quilombola através da luta de duas personagens que tanto contribuíram para esta conquista. Além disso, aparecem aqui também o dia a dia destas mulheres, e como elas seguem lutando para que a comunidade tenha condições de vida cada vez mais dignas.

“As coisas da Terra” aborda as contribuições de cada uma das mulheres entrevistadas, a seu modo, para que as práticas culturais de seus ancestrais sejam ali preservadas. O título do documentário, baseado numa fala de dona Alaíde durante sua entrevista, busca ressaltar como a permanência destas pessoas em seu território originário fortalece suas raízes.

O resultado final, aqui apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, reflete não apenas a trajetória das protagonistas, mas também a resiliência e a riqueza de uma comunidade que persiste apesar dos desafios.

REFERÊNCIAS

BARIZÃO, Débora. Et al. **Mulheres quilombolas: territórios, identidade e lutas na construção de políticas públicas**. São Paulo: 2020.

BRAGANÇA, Felipe (org.). **Encontros | Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

COSTA, Ana Carolina Estrela. **Quilombo de Povoado Tabacaria**. Belo Horizonte: 2015.

FEITOSA, André Fonseca. **O documentário enquanto fonte histórica: possibilidades e problemáticas**. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013. Disponível em https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371307904_ARQUIVO_A_RTIGOANPUHDocumentariocomofontehistorica2013.pdf. Acesso em 24 de janeiro de 2024.

NETA, Francisca Maria. **Patrimônio histórico e cultural em comunidades tradicionais: disputas pelas memórias dos quilombolas da Tabacaria em Palmeira dos Índios/AL**. 30° Simpósio Nacional de História. 2019. Disponível em https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564495695_ARQUIVO_PA_TRIMONIOEMCUMUNIDADESTRADICIONAIS-ANPUH2019.pdf. Acesso em 24 de janeiro de 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

TROMBINE, Júlia Dornelles. Et al. **Documentário e a busca pela representação da realidade**. Portal Intercom. 2019. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0693-1.pdf> . Acesso em 24 de janeiro de 2024.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE FILMAGEM

TABACARIA

Por

Vanessa Mota e Jasmelino de Paiva

Tratamento 2, versão de 27/03/2023 às 20h43

Todos os direitos reservados.

1 APRESENTAÇÃO 1

Dona Dominícia está sentada no sofá de sua casa. Olhando para a câmara, ela se apresenta.

DONA DOMINÍCIA
 Meu nome é Dominícia, sou moradora
 aqui da Tabacaria desde que eu
 nasci e tenho xx anos.

CORTA PARA:

Dona Alaíde está sentada no sofá de sua casa. Olhando para a câmara, ela se apresenta.

DONA ALAÍDE
 Meu nome é Alaíde, sou moradora
 aqui do Quilombo da Tabacaria e tou
 agora com xx anos.

CORTE ESTENDIDO

2 EXT. ROÇA COMUNITÁRIA/FACHADA DA CASA DE DONA ALAÍDE - DIA 2

Com habilidade acompanhamos Dona Alaíde recolhendo quiabos. Ela separa alguns e coloca em um cesto.

Dona Alaíde recolhe mais alguns ingredientes que usará no preparo do peixe e coloca dentro do mesmo cesto.

Em seguida, ela caminha até a saída de sua roça.

Com o cesto nas mãos, Dona Alaíde passa ao lado da igreja, passa pela frente de sua casa e entra pela porta da frente.

3 EXT. CASA DE DONA DOMINÍCIA OU MATO - DIA 3

Concentrada, Dona Dominícia recolhe ervas de reza nos arredores. Ela recolhe e coloca os ramos em um recipiente. Ela entoia um câção enquanto recolhe as ervas.

Vemos Dona Dominícia se afastar com as ervas que recolheu. No fundo do quadro, o Quilombo da Tabacaria se estende.

CORTA PARA O BLACK

Aparece o título do filme: TABACARIA

2.

- 4 INT. CASA DE DONA DOMINÍCIA - SALA - DIA (ENTREVISTA) 4
 Dona Dominícia fala sobre a história que conhece do Quilombo da Tabacaria. Fala com simplicidade sobre as histórias que escutou sobre o passado do lugar.
- 5 EXT. QUILOMBO DA TABACARIA - DIA 5
 SEQUÊNCIA DE PLANOS (PLANOS GERAIS)
 O OFF da entrevista sobre as imagens até o final da cena.
 A) Uma placa pequena na beira da estrada e embaixo de um arco de Boas vindas ao povoado de Bonifácio indica: Quilombo da Tabacaria;
 B) Um plano geral do Quilombo;
 D) Cemitério;
 E) Pé de Trapiá;
- 6 INT. CASA DE DONA ALAÍDE - SALA - DIA (ENTREVISTA) 6
 Dona Alaíde fala sobre o aspecto político. A transição que o Quilombo passou há uns anos. As coisas que o Quilombo tem hoje.
- 7 EXT. QUILOMBO DA TABACARIA - DIA 7
 SEQUÊNCIA DE PLANOS (PLANOS GERAIS)
 O OFF da entrevista sobre as imagens até o final da cena.
 A) Algumas crianças descem de uma van com fardas de colégio;
 B) Fachadas de casas do Quilombo;
 C) Pessoas passam pela rua e entram dentro do mercadinho do Quilombo;
 D) Fachada da creche do Quilombo;
 E) Cisternas ao lado das casas;

3.

- 8 INT. CASA DE DONA DOMINÍCIA - QUARTO - DIA 8
 Dona Dominícia dobra com carinho alguns figurinos de reisado.
 Em OFF, escutamos Dona Dominícia falar sobre como chegou no reisado.
- 9 INT. CASA DE DONA DOMINÍCIA - SALA - DIA (ENTREVISTA) 9
 Dona Dominícia continua falando sobre sua relação com a reisado. Fala sobre seu casamento com Seu Gerson e sobre como anda o reisado do quilombo atualmente.
- 10 EXT. POCILGA DE DONA ALAÍDE - DIA 10
 Dona Alaíde e Neilton cuidam dos porcos. Dona Alaíde dá instruções a Neilton, que, prontamente obedece.
 Em OFF, Dona Alaíde fala sobre sua rotira. O cuidado do terreno e da roça.
- 11 INT. CASA DE DONA ALAÍDE - SALA - DIA (ENTREVISTA) 11
 Dona Alaíde fala um pouco sobre o restaurante, o potencial turístico do Quilombo e sobre a importância do reconhecimento do lugar como um quilombo.
- 12 INT. CASA DE DONA DOMINÍCIA - SALA - DIA 12
 Dona Dominícia faz uma reza em seus netos, que recebem quietos.
- 13 INT. CASA DE DONA DOMINÍCIA - DIA 13
 Dona Dominícia prepara o almoço da família.
- 14 INT. CASA DE DONA ALAÍDE - COZINHA - DIA 14
 Dona Alaíde e Neilton almoçam em silêncio na cozinha.

4.

- 15 INT. CASA DE DONA ALAÍDE - SALA - DIA (ENTREVISTA) 15
Dona Alaíde conta a história do peixe ao molho de amendoim que aprendeu com sua avó.
- 16 INT. CASA DE DONA DOMINÍCIA - SALA - DIA (ENTREVISTA) 16
Dona Dominícia fala sobre a trilha que dá na furna dos negros e sobre as histórias que soube do lugar.
- 17 EXT. TRILHA - DIA 17
Imagens da trilha e da furna dos negros.
- 18 INT. RESTAURANTE DE DONA ALAÍDE - DIA 18
Com destreza, Dona Alaíde prepara o peixe ao molho de amendoim. Ela termina e coloca em uma travessa grande.
- 19 INT./EXT. CASA DE DONA ALAÍDE - DIA 19
Dona Alaíde termina de se ajeitar. Ela veste uma roupa bonita.
- 20 INT. CASA DE DONA DOMINÍCIA - QUARTO - DIA 20
Dona Dominícia veste seu figurino de reisado e se arruma.
- 21 EXT. ESTRADA PARA O AÇUDE FERNANDES - DIA 21
Dona Alaíde, com o prato nas mãos, caminha até o açude.
- 22 EXT. TRILHA - DIA 22
Com o figurino, Dona Alaíde caminha.
- 23 EXT. AÇUDE FERNANDES - DIA 23
Pousando para a câmera, Dona Alaíde exhibe com orgulho o seu peixe.

5.

24 EXT. FURNA DOS NEGROS - DIA

24

De frente para a grotta, Dona Dominícia pousa para a câmara com seu figurino.

FIM

APÊNDICE B - PLANO DE FILMAGEM

PLANO DE FILMAGEM - TABACARIA

por JASMELINO DE PAIVA

Versão de 29/03/2023

DIA 1 (31/03) EXT 13h00 às 17h30	DIA 2 (1/04) INT/EXT - DIURNA 7h00 às 17h00	DIA 3 (2/04) INT/EXT - DIURNA 7h00 às 17h00
DESLOCAMENTO + ALMOÇO	17 EXT. TRILHA - DIA(DECUPAGEM)	2 EXT. ROÇA COMUNITÁRIA/FACHADA DA CASA DE DONA ALAÍDE - DIA (ROÇA)
7 EXT. QUILOMBO DA TABACARIA - DIA DECUPAGEM	22 EXT. TRILHA - DIA (CAMINHO DE D. DOMÍNICA)	10 EXT. POCILGA DE DONA ALAÍDE - DIA
5 EXT. QUILOMBO DA TABACARIA - DIA (PLANOS GERAIS) DECUPAGEM	24 EXT. FURNA DOS NEGROS - DIA (PORTRAIT)	18 INT. RESTAURANTE DE DONA ALAÍDE - DIA (PEIXE)
	3 EXT. CASA DE DONA DOMÍNICA OU MATO - DIA (ERVAS)	14 INT. CASA DE DONA ALAÍDE - COZINHA - DIA (ALMOÇO)
	13 INT. CASA DE DONA DOMÍNICA - DIA (PREPARO ALMOÇO)	ALMOÇO
	ALMOÇO	ENTREVISTA APRESENT.; 6; 11 e 15
	ENTREVISTA APRESENT.; 4; 9 e 16	19 INT./EXT. CASA DE DONA ALAÍDE - DIA (ROUPA)
	12 INT. CASA DE DONA DOMÍNICA - SALA - DIA	21 EXT. ESTRADA PARA O AÇUDE FERNANDES - DIA (CAMINHO)
	8 INT. CASA DE DONA DOMÍNICA - QUARTO - DIA	23 EXT. AÇUDE FERNANDES - DIA (PORTRAIT)
	20 INT. CASA DE DONA DOMÍNICA - QUARTO - DIA	